

O Coletivo Autônomo de Sociologia do *Campus* Restinga do IFRS

Graziele Ramos Schweig¹, Freddy Cuzco²

RESUMO

O texto apresenta a experiência do Coletivo Autônomo de Sociologia (CAS), projeto de extensão do *Campus* Restinga do IFRS. É relatado o histórico da demanda por este espaço de debate e encontro, a metodologia de trabalho, as principais atividades realizadas e os sentidos atribuídos ao projeto por seus participantes. Por fim, é realizada uma reflexão acerca do modo como o CAS convoca a repensar o papel da escola, as potencialidades da autonomia na educação e a importância do processo grupal na aprendizagem.

Palavras chave: Protagonismo estudantil. Autonomia. Sociologia.

De um incômodo a um projeto

Como debater sobre a complexa sociedade em que vivemos em apenas 50 minutos semanais? O desafio desta tarefa mobilizou a estudante Kássia nas primeiras semanas de aula, do primeiro ano do Ensino Médio Integrado, no *Campus* Restinga do IFRS. Em seu contato inicial com a disciplina de Sociologia, a estudante identificou, neste encontro, um espaço de reflexão sobre questões que perpassam seu cotidiano. No entanto, o tempo nunca era suficiente e a aula terminava quando o debate começava a ficar interessante. Esse incômodo, compartilhado por Kássia com outros estudantes e professores, deu origem ao que seria batizado de CAS – Coletivo Autônomo de Sociologia.

Primeiramente marcamos uma reunião para tratar desse incômodo, agora compartilhado, no dia 7 de Abril de 2016, quando reuniram-se quatro estudantes e uma professora. Como fazer para conseguir tempo para trocar ideias, pensar e expressar nossos pensamentos? Ficou acordado que iríamos *criar* esse tempo e abrimos um novo espaço de encontro, fora da grade curricular – iríamos nos reunir todas as quintas-feiras, das 12h às 13h30min. O horário foi pensando de modo a acolher estudantes dos turnos da manhã e da tarde. Também foi pactuada uma metodologia de trabalho: a cada encontro uma pessoa participante seria sorteada, a qual teria a responsabilidade de escolher um tema e organizar o encontro da semana seguinte.

¹ Doutora em Antropologia Social. Docente de Ciências Sociais no IFRS - *Campus* Restinga. graziele.schweig@gmail.com

² Licenciado em Letras. Docente substituto de Letras no IFRS - *Campus* Restinga. freddy.cuzco@gmail.com

No decorrer das semanas, novos integrantes foram se somando aos encontros, já que o grupo se pretendia (e se pretende) aberto. Os participantes sorteados escolhiam seus temas, realizavam pesquisas sobre eles e levavam ao encontro uma série de questionamentos, algum vídeo ou outro material que estimulasse a reflexão. Depois de alguns encontros, batizamos nosso espaço de CAS. Começamos a notar os vínculos entre os participantes se estreitarem cada vez mais, tornando aquele um espaço seguro de expressão, escuta mútua, respeito e confiança. Como consequência, também foram sendo propostas pelos próprios participantes dinâmicas para provocar a reflexão. Estas criações-experimentações podiam ser testadas no ambiente seguro do grupo. Em um dos encontros de 2016, elaboramos algumas regras de convivência que achávamos importantes para o funcionamento do coletivo: 1) Seja você mesmo; 2) O que acontece no CAS, fica no CAS; 3) Uma vez no CAS, sempre no CAS. Dessa maneira, essas combinações passaram a ser apresentadas a cada participante recém-chegado.

Foi apenas em Junho de 2016, depois de quase dois meses de encontros, que o Coletivo Autônomo de Sociologia foi cadastrado como um projeto de extensão. O grupo entendeu ser necessária essa formalização, já que permitiria uma maior divulgação do coletivo no IFRS e a ampliação da participação de públicos externos ao *Campus*. Isso também permitiu que contássemos com dois estudantes voluntários vinculados ao projeto, os quais se responsabilizaram por atualizar a página do Facebook criada para o CAS, além de registrarem a memória dos encontros e as presenças dos participantes.

Como projeto de extensão, o CAS foi apresentado em alguns eventos do IFRS: na 6ª Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa do *Campus* Osório; na 17ª Mostra de Pesquisa, Ensino e Extensão do *Campus* Porto Alegre; na VI Mostra Científica do *Campus* Restinga e no 1º Salão de Pesquisa, Extensão e Ensino do IFRS/4º Seminário de Extensão (SEMEX). Em Março de 2017 recebemos o convite do Instituto de Psicologia Social de Porto Alegre Pichon-Rivière, para socializar a experiência do CAS e realizar uma atividade aberta ao público. Na ocasião, acompanhados de professores, quatro estudantes do Ensino Médio representaram o coletivo conduzindo um debate sobre autonomia e aprendizagem junto a psicólogos, educadores e estudantes universitários.

Em seu tempo de existência, diversos foram os temas escolhidos para reflexão por parte dos participantes do coletivo, dentre eles: aborto; influência da mídia; preconceito com usuários de drogas, transgêneros; relações entre pais e filhos; fobias; preconceito e dificuldades das mães solteiras; jovens de periferia e a sociedade; violências; pena de morte; violência sexual e consentimento; diferença de idade nos relacionamentos; o amor no século XXI; religião; bullying; autoconhecimento; sexualidade; apropriação cultural; entre outros. Esses temas formam um mosaico das inquietações que perpassam o cotidiano dos participantes, em sua maioria estudantes do Ensino Médio Integrado.

Ao longo de 2016 foram realizados mais de trinta encontros do CAS, sendo que em cada um o número de participantes variou entre dez e vinte pessoas. Ao todo, passaram pelo coletivo mais de sessenta pessoas diferentes, dentre estudantes de diversos cursos e séries, além de servidores e convidados externos. Alguns participantes são assíduos desde o início, outros passaram a se integrar perto do final do ano, e há aqueles que têm uma presença mais intermitente. Em 2017, o projeto de extensão foi renovado e os encontros continuam, novos integrantes se somam e vemos a média de participantes aumentar a cada semana. Neste ano, contamos com dois bolsistas remunerados para darem suporte às atividades do CAS e permitindo ampliá-las.



Figura 1. Encontro semanal do CAS. Fonte: Grazielle Ramos Schweig.

“O CAS aos meus olhos”

De modo a avaliar a importância do coletivo para seus participantes, em Setembro de 2016, cada um foi convidado a produzir um texto intitulado “O CAS aos meus olhos”. Tivemos como retorno a escrita de treze relatos, os quais permitem fazer uma análise dos sentidos que o coletivo tem produzido em seus participantes. Inicialmente, podemos identificar o desenvolvimento de alguns princípios das Ciências Sociais, como a desnaturalização e a relativização (Brasil, 2006), a partir do exercício da escuta de diferentes pontos de vista, propiciado nos encontros:

“O grupo começou com poucos membros mas logo foi aumentando, e o grupinho pequeno se tornou algo grande com vários alunos de cursos, turmas e idades diferentes, temos até outros professores participando. (...) Eu já escolhi dois temas para debate, aborto e bullying, e ouvir o que cada um achava e as histórias que eles contavam sobre esses temas me fez ver que todo assunto tem mais de um lado” (Gabriel, 1º ano do Ensino Médio Integrado)

“O CAS é um grupo criado com a maravilhosa ideia de desconstruir conceitos, porém sem julgamentos exacerbados. Botamos na mesa todas as nossas ideias, crenças e conceitos para que assim saibamos o que ocorre na nossa sociedade, nas nossas cabeças e o porquê”. (Lindsay, 2º ano do Ensino Médio Integrado)

Nos relatos também foi identificado o modo como o CAS propicia um ambiente seguro e de confiança, facilitando a expressão de ideias e a troca:

“O CAS chegou na minha vida como quem salta de paraquedas: de repente; quando vi, já tinha acontecido. Fazer parte desse coletivo que te faz pensar e refletir, se questionar e compreender o que vem acontecendo com a nossa sociedade, com o planeta em que

habitamos, foi, e ainda é, algo extremamente gratificante. (...) É estar junto de pessoas que tu gostas, que são importantes pra ti, e poder te expressar livremente sem ter o receio de “ai, eles vão me repreender se eu falar isso”, porque tu sabes que não vai ser assim, todos vão te ouvir e respeitar a tua opinião. O CAS é amor.” (Renata, 4º ano do Ensino Médio Integrado)

Também foram ressaltados aspectos de autoconhecimento e da consolidação de vínculos de amizade proporcionados pela vivência no coletivo:

“Eu descobri coisas incríveis de pessoas que eu passava pelo corredor todos os dias. Descobri fatos sobre minha pessoa que estavam lá dentro, e talvez, sem a ajuda do CAS nunca, teria desencadeado-os”. (Geovana, 2º ano do Ensino Médio Integrado)

Lições do CAS

Ao longo de sua existência, o CAS tem nos ensinado muitas coisas. Por ter surgido a partir do interesse dos estudantes, seus participantes experienciam um protagonismo dificilmente possibilitado em sala de aula. Sendo um espaço totalmente aberto a temas e metodologias sugeridos pelos participantes, sem ter necessariamente, como referência programas ou conteúdos curriculares anteriormente definidos, o CAS questiona as fronteiras disciplinares e situa a demanda pelo conhecimento à frente das demandas das disciplinas ou áreas de conhecimento. Professores de diferentes formações – como Letras, Filosofia e Matemática – já passaram pelo CAS; aprenderam e contribuíram com o grupo.

Além de borrar as fronteiras entre as disciplinas, o coletivo também questiona o princípio – organizador da instituição escolar – de que “o professor ensina e o aluno aprende”. Ao possibilitar um ambiente confiável para o exercício da autonomia, o coletivo se torna um espaço de democratização do conhecimento e de circulação dos papéis de aluno e professor. Concordamos com Fernando Becker (2006, p. 123), e enxergamos isso na experiência do CAS, quando ele defende a ideia de que o ensino não deve mais ser visto como a fonte exclusiva da aprendizagem, já que os sujeitos aprendem por meio das ações que eles mesmos praticam. Da mesma maneira, a sala de aula não se configura como o único lugar de aprendizagem. Nesse sentido, um dos desafios nesse segundo ano de CAS é conseguir borrar mais as fronteiras entre a escola e a comunidade, ampliando a participação de pessoas de fora do *campus* e levando mais o coletivo para fora da escola.

Ao priorizar a constituição de um grupo, o CAS evidencia a dimensão social do processo de aprendizagem. Como afirma Pichon-Rivière, o processo grupal permite “o intercâmbio de informação, de experiências vitais, o confronto de estilos de aprendizagem. (...) Formar-se em grupo consiste em aprender a aprender, como redefinição dos modelos de aprendizagem nos quais fomos configurados como sujeitos cognoscentes, modelos passivos, receptivos, individualistas, competitivos, teóricos, autoritários” (Quiroga, 1989, p. 25). Não são em todos os momentos e espaços da escola (ou fora dela) que temos a possibilidade de constituir grupos. Trinta alunos de uma turma, que passam mais de cinco horas por dia reunidos em uma sala de aula, não necessariamente formam um grupo. Formação de grupo requer tempo e cuidado, demanda um processo de construção de vínculos entre os participantes, a criação de uma teia de identificações que se cruzam e tornam o grupo um espaço próprio, com uma identidade e um propósito construído por seus membros – e não recebido de fora.



📍 **Figura 2.** Encontro semanal do CAS. Fonte: Autoria coletiva.

Iniciamos o texto com uma pergunta e agora finalizamos com outra, sugerida por um dos estudantes participantes do coletivo: se podemos ter uma “escola com CAS” porque não podemos ter uma “escola como CAS”? ■

Referências

BECKER, F. “Concepção de conhecimento e aprendizagem”. In: SCHNAID, F.; ZARO, M. A.; TIMM, M. I. **Ensino de engenharia: do positivismo à construção das mudanças para o século XXI**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Ministério da Educação: Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf. Acesso em: 03 de maio de 2017.

QUIROGA, A. P. de. “Enrique Pichon-Rivière”. In: FREIRE, P.; QUIROGA, A. P. de. et all (orgs.). **O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière**. Petrópolis: Vozes, 1989.